

# ENTREVISTA SOBRE PEDAGOGIA QUEER E EDUCAÇÃO INCLUSIVA<sup>1</sup>

## INTERVIEW ON QUEER PEDAGOGY AND INCLUSIVE EDUCATION

por **Aldo Ocampo González**

Centro de Estudios Latinoamericanos de  
Educação Inclusiva (CELEI)  
aldo.ocampo.gonzalez@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4605>

<sup>1</sup> Este trabajo corresponde al ciclo de entrevistas preparadas por el autor en el marco inaugural de la sección "Entrevistas a grandes personalidades de la Educación, las Ciencias Sociales y el Pensamiento Crítico" del Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva (CELEI). Trabajo inédito.

### Resumen

La comprensión epistemológica de la Educación Inclusiva expresa un funcionamiento diaspórico, es decir, las formas de construcción de su conocimiento, operan mediante una dispersión de saberes, repartidos por una multiplicidad de geografías epistémicas, entre ellas, el Feminismo, la Teoría Queer, los Estudios Postcoloniales, entre otras. En tal caso, los aportes del Feminismo y los Estudios Queer, devienen en cuerpos de conocimientos claves para avanzar en la proposición de una nueva racionalidad –cada vez más amplia en sus proposiciones y sistemas de razonamientos– para justificar la relevancia de la inclusión más allá de la producción de ficciones basadas en la inclusión a lo mismo– al interior de la Ciencia Educativa en el Siglo XXI. Retomando la idea de Educación Inclusiva como ‘categoría de análisis’ y ‘dispositivo macro-educativo’ (Ocampo, 2017), esta entrevista analiza las intersecciones política, epistémicas y pedagógicas que comparte la Pedagogía Queer con la Educación Inclusiva; reconociendo a la primera como una de sus principales memorias epistémicas de transformación. En esta oportunidad, el doctor Nilson Dinis, académico del Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, Brasil, nos entrega interesantes reflexiones en torno a la configuración de un campo que, si bien, expresa una larga data en las epistemologías subalternas, se conoce y comprende desde

una posición de lejanía y periferia en la educación y, en la formación de los maestros. El doctor Dinis se adentrará además, en la comprensión de lo trans, en sus repercusiones agenciales y políticas al interior de las gramáticas educativas. Al mismo tiempo otorga, ideas claves para abordar el currículo, las lógicas de funcionamiento de las instituciones educativas y el abodaje de las identidades sexuales en el contexto educacional. Sin duda, sus aportes contribuyen a posicionar un tema que las políticas públicas y educativas al interior del campo de producción de la Educación Inclusiva, es subalternizado, generando nuevas estrategias de apartheid de saberes o en terminos de Spivak (1998) o Foucault (1970), violencias epistémicas, devenidas en los denominados 'llamados vacios de la diversidad', que no son otra cosa que, declaraciones que atraen al centro del capitalismo la noción de diferencia, sin atenderla, dejándola en una situación permanente de devaluación e indefensión societal. En suma, la entrevista da luces sobre un complejidad creciente, invitándonos a superar las simplicidades pedagógicas al respecto.

**Palabras clave:** *pedagogía queer, educación inclusiva, multiplicidad de diferencias, acción y resistencia política*

### **Resumo**

A compreensão epistemológica da Educação Inclusiva expressa um funcionamento diaspórico, isto é, as formas de construção do seu conhecimento, operam através de uma dispersão do conhecimento, distribuída por uma multiplicidade de geografias epistémicas, entre elas, Feminismo, Teoria Queer, Estudos Postcolonial, entre outros.

Neste caso, as contribuições do Feminismo e dos Estudos Queer, tornam-se instâncias chave do conhecimento para promover a proposta de uma nova racionalidade - cada vez mais ampla em suas propostas e sistemas de raciocínio - para justificar a relevância da inclusão para além da produção de ficções baseadas na inclusão no mesmo - dentro da Ciência da Educação no século XXI. Retornando à idéia de Educação Inclusiva como "categoria de análise" e "dispositivo macroeducativo" (Ocampo, 2017), esta entrevista analisa as interseções políticas, epistémicas e pedagógicas que a Pedagogia Queer compartilha com a Educação Inclusiva; reconhecendo o primeiro como uma das suas principais memórias epistémicas de transformação. Nessa ocasião, o Dr. Nilson Dinis, acadêmico do Departamento de Educação e Não-Programa de Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, nos dá reflexões interessantes sobre a configuração de um campo que, embora exprima uma longa história em epistemologias subalternas, é conhecida e entendida a partir de uma posição de afastamento e periferia na educação e no treinamento de professores. O Dr. Dinis também aprofunda a compreensão do trans, sua agência e repercussões políticas nas gramáticas educacionais. Ao mesmo tempo, dá idéias-chave para abordar o currículo, as lógicas operacionais das instituições educacionais e a co-gestão das identidades sexuais no contexto educacional. Indubitavelmente, suas contribuições contribuem para posicionar um tópico que as políticas públicas e educacionais no campo da produção de Educação Inclusiva, é subalternizado, gerando novas estratégias de apartheid do conhecimento ou em termos de Spivak (1998) ou Foucault (1970), a violência epistêmica, se tornam os chamados "vazios

da diversidade", que são apenas declarações que atraem a noção de diferença para o centro do capitalismo, sem abordá-lo, deixando-o em uma situação permanente de desvalorização social e indefesa. Em suma, a entrevista espelha uma crescente

complexidade, convidando-nos a superar as simplicidades pedagógicas a este respeito.

**Palavras-chave:** *pedagogia queer, educação inclusiva, multiplicidade de diferenças, ação e resistência política.*



**Dr. Nilson Dinis.** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas-SP, Brasil. É professor associado no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Também é coordenador do Grupo de Pesquisa: Diversidade em Educação. Tem realizado pesquisas e publicações sobre os temas: diversidade sexual e de gênero, mídia e educação, alteridade e educação. E-mail: [ndinis@ufscar.br](mailto:ndinis@ufscar.br)

*(\*\*) La fotografía ha sido cedida por el entrevistado desde un archivo fotográfico personal para la publicación de esta entrevista.*

**Aldo Ocampo González (AOG):**

*Boa tarde, professor doutor Nindis. Gostaria de começar por agradecer sua disponibilidade e suporte para esta entrevista. Esta é uma questão muito relevante para todos os educadores, portanto, gostaria de começar com a seguinte questão: ¿o que é a pedagogia queer?, ¿qual é a sua posição dentro deste programa político e de pesquisa?*

**Nilson Dindis (ND):** graças a você Aldo, muito feliz em participar. Podemos chamar de Pedagogia Queer o esforço teórico de pesquisadoras e pesquisadores da área da Educação em utilizar conceitos produzidos pela Teoria Queer para pensar novas estratégias pedagógicas não-normativas. O termo “pedagogia queer” parece ter sido usado pela primeira vez pelas pesquisadoras canadenses Mary Bryson e Suzanne de Castell no artigo intitulado: “Queer pedagogy: praxis makes im/perfect”, publicado em 1993. Em 1995 o termo apareceu novamente em um artigo da também pesquisadora canadense Deborah Britzman, intitulado “Is there a Queer Pedagogy? Or stop reading straight”. É mais uma provocação, é mais uma aposta na possibilidade de construir novas pedagogias que possibilitem menos discursos normalizadores acerca dos

corpos, das sexualidades e dos gêneros, das identidades como modos de vida, e também dos processos de ensino-aprendizagem e de exercício do pensamento. Como educador e pesquisador, procuro utilizar conceitos da Teoria Queer como uma provocação para desestabilizar concepções e metodologias da área de educação que partem de pressupostos essencialistas e preconcebidos para pensar o currículo e os sujeitos da educação. É um compromisso ético e político com a afirmação da multiplicidade das diferenças e um desafio constante na atuação como educador.

**AOG:** *Você está certo, é altamente relevante compreender a multiplicidade de diferenças na redefinição discursiva, ideológica e pargmática –didático– da Educação Inclusiva. Neste sentido, ¿quais são as principais influências sobre as quais o sintagma da pedagogia Queer é organizado epistemologicamente hoje?*

**ND:** Não sei se podemos usar a palavra sintagma neste contexto. Penso que a Teoria e a Pedagogia Queer atuam no exercício oposto ao sintagma. Do ponto de vista linguístico, um sintagma é uma unidade composta de palavras e morfemas organizados hierarquicamente em torno de um núcleo em comum. As provocações conceituais de filósofos como Gilles Deleuze e Jacques Derrida (autores importantes no trabalho do teórico queer Paul Beatriz Preciado) privilegiam uma concepção de linguagem como um sistema constante de variação, de produção de diferença. Ou seja, em vez de pensarmos a diferença como sendo a exceção no sistema homogêneo de uma língua, pensamos a diferença como a única constante, é a própria variação que é sistemática. Deleuze utiliza os termos da música para pensar a linguagem ao dizer que “o tema é a própria variação”. No campo da epistemologia é a tentativa de afirmação da diferenças como um desafio às formas essencialistas e binaristas que constituem a produção do nosso modo de pensar os conceitos a partir de pares oponentes como: eu-outro, natureza-cultura, homem-mulher, heterossexual-homossexual, adulto-criança, teoria-prática e ensino-aprendizagem. Como podemos organizar nosso pensamento de forma a ser afetado pelas zonas de variação que se produzem no espaço intersticial dessa organização conceitual binarista do pensamento?

**AOG:** *¿Em que sentido os argumentos usados pela teoria queer constituem argumentos transformadores da realidade sócio-educacional e sociopolítica desses grupos de estudantes cruzados por alguma identidade sexual não-normativa?*

**ND:** A rápida popularização dos conceitos da teoria queer por meio dos veículos de comunicação, principalmente a internet, fez com que suas provocações conceituais pudessem ser também assimiladas fora do meio acadêmico. Isso empoderou as pessoas que recusavam o modo heteronormativo de produção de suas identidades e ajudou que pudessem compor novos modos de identidades, que privilegiam os processos de intersecções, de variações, de trânsito nos modos de existência, tais como as identidades trans, intersex e não binárias. A presença cada vez maior dessas identidades nos veículos midiáticos tem permitido pensar formas mais contemporâneas de resistência política.

**AOG:** *Resgatando essa idéia de resistência política, que me parece algo fundamental em qualquer projeto pedagógico - apesar do treinamento inicial ter cada vez menos atenção à dimensão política do educador - de sua posição como pesquisador, quais são os elementos que nos permitem pensar a “pedagogia queer” como um projeto político e ético no século XXI?*

**ND:** A velocidade do mundo contemporâneo e a rápida desestabilização dos modos identitários, em um mundo no qual estamos todos paradoxalmente tão longe e tão perto, faz com que certos instrumentos políticos de luta construídos no século XIX e no século XX se tornem obsoletos, por não contemplar de forma inclusiva os sujeitos que transitam entre identidades, entre línguas, entre territórios, entre nacionalidades, ou mesmo entre campos do conhecimento. Ou seja, os sujeitos que habitam as fronteiras dos modos identitários, como bem analisa Guacira Louro, uma importante pesquisadora brasileira sobre os estudos queer na área da educação. Um das principais publicações da autora é o livro: *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, publicado em 2004, que é uma excelente introdução aos conceitos da teoria queer. Nesse sentido, penso que a teoria e a pedagogia queer seriam mais contemporâneas por trazerem novos repertórios conceituais para nomear, dar visibilidade e empoderamento a esses lugares de fronteira.

**AOG:** *Pensando epistemicamente sobre esses lugares ou lugares não-fronteiriços, quais poderiam ser as questões mais relevantes envolvidas na construção de um quadro teórico revolucionário no campo da Pedagogia Queer?*

**ND:** O principal desafio desta teoria é o processo de institucionalização. Novos repertórios conceituais são sempre produzidos como forma de resistência a formas estagnadas de exercício do pensamento. Diferentes repertórios conceituais como: o marxismo, a psicanálise, o

estruturalismo, o pós-estruturalismo, foram produzidos como formas revolucionárias do exercício do pensamento em diferentes momentos históricos. No entanto, no decorrer da história, foram também apropriados institucionalmente e transformados em apenas mais uma teoria com seu séquito de especialistas, de exegetas e de campos de aplicação. Como desestabilizar essa distância e manter a conexão permanente entre teoria e prática, entre produção de conhecimento e ativismo? Esta é a pergunta, o desafio e o critério com o qual poderemos medir a potência revolucionária da pedagogia queer no futuro. Será apenas mais uma teoria a cair nas teias da institucionalização acadêmica?

**AOG:** *¿Como as estratégias pedagógicas da Pedagogia Queer podem ser compreendidas dentro dos processos de escolaridade?, em que medida essas estratégias contribuem para o fortalecimento de uma consciência crítica e novas formas de irmandade?*

**ND:** As provocações teóricas dos estudos pós-estruturalistas nos fazem desconfiar um pouco do papel bem-intencionado de qualquer projeto educacional na formação iluminista de “consciência crítica”, como se o/a educador/a fosse um condutor deste processo, como se fosse possível estar fora das redes de poder. Na célebre conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze, publicada com o título “Os intelectuais e o poder” em *Microfísica do Poder*, eles nos lembram que os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder e a idéia de que eles são agentes da ‘consciência’ também faz parte desse sistema. Para eles, o papel do intelectual não é mais o de se colocar à frente das massas e levá-las ao “esclarecimento” para dizer a muda verdade de todos; ou descobrir as relações políticas que não são percebidas pelas massas. É antes o de lutar contra todas as formas de poder, inclusive as que aprisionam nosso próprio discurso. No entanto, penso que as estratégias educacionais que trabalham conjuntamente com os/as estudantes na construção do currículo e das estratégias de aprendizagem possam desestabilizar um pouco positivamente este processo, ainda que nunca de forma completa. Neste sentido o papel da educação não seria desenvolver a “consciência crítica”, como se fosse uma capacidade em latência a ser acionada pelo educador ou educadora, mas seria justamente desconstruir as evidências, as metanarrativas universais que constituem formas de aprisionamento dos nossos modos de existir e de pensar. E a pessoa que ensina também está imersa neste aprisionamento e nos processos de resistência. Deborah Britzman, que é uma excelente pesquisadora, psicanalista e educadora queer canadense, faz uma leitura bastante sofisticada e transgressiva da psicanálise para pensar uma pedagogia queer. Na sua visão, uma pedagogia queer que resista a práticas normativas deve

começar pela preocupação ética com suas próprias práticas interpretativas e pela responsabilidade em pensar as relações sociais como algo mais do que o simples efeito de uma ordem conceitual dominante.

**AOG:** *De acordo com sua experiência investigativa e a importância de seus textos e lutas, ¿como são articuladas as principais violências epistêmicas ou mecanismos de marginalização do conhecimento sobre o "estranho" na educação dos educadores?, ¿que lógicas de produção e poder subjazem essas ações?*

**ND:** Em diferentes formas. Conhecemos as mais explícitas quando são exercidas por meio da violência física e psicológica contra as minorias que são tratadas como um “corpo estranho” a ser eliminado. Mas também há as violências mais sutis, e talvez por isso mais produtivas no sentido foucaultiano. Os discursos da medicina, da psicologia, e mesmo de certa parte da psicanálise, estão impregnados de normatividade. No entanto, ainda são considerados discursos legítimos na área na educação toda vez que se fala de corpos, de gêneros e de sexualidades. Observei em algumas de minhas pesquisas como a pedagogia vai buscar nesses domínios do saber a legitimação para operar a normatividade dos corpos. Teóricos/as queer como Judith Butler e Paul Beatriz Preciado também analisam com minúcias em seus estudos a violenta operatividade desses discursos normativos sobre os corpos das pessoas trans.

**AOG:** *Enfrentando isso, ¿quais recomendações você faria para o treinamento de professores e para o desenvolvimento de políticas públicas de educação para grupos LGBTIQ?, ¿quais são suas principais ficções, limitações e avanços?*

**ND:** Fazer recomendações não seria uma postura em consonância com as provocações de uma pedagogia queer. Devemos entender na perspectiva da diferença cada processo educacional como sendo singular, portanto as respostas e as estratégias também têm que ser diferentes para cada experiência educativa. Mas como educador também não deixo de ter minhas fantasias, ou como você chama: “ficções”. Acho importante que programas de formação docente sejam mais inclusivos e que tenham em seu currículo justamente questões de alteridade envolvendo todas nossas diferenças: sexuais, de gênero, étnico-raciais, religiosas, econômico-sociais, educativas especiais com inclusão das comunidades surda, cega, cadeirante e outras. Penso que a inclusão de tais temas ajuda no combate a discriminações e preconceitos não só para os grupos LGBTIQ, mas

também para outras minorias. Precisamos trabalhar mais a interseccionalidade dos diversos processos de exclusão, o que talvez também colabore na formação de sociedades mais igualitárias do ponto de vista da justiça social.

**AOG:** *Pensem agora no que todo educador o enfatiza, o currículo e o ensino, de que maneira seria possível pensar sobre a construção curricular com base nos princípios da pedagogia estranha?*

**ND:** No debate educacional dos anos 80 e 90 no Brasil, estávamos empolgados com as idéias de interdisciplinaridade e transversalidade. Eram termos constantes nos discursos da época. No entanto, quando observamos o funcionamento das escolas e das universidades nas duas últimas décadas, percebemos que, embora esses conceitos continuem a ser usados teoricamente, caminhamos no sentido oposto. Parece que a educação ficou muito mais disciplinar. As especializações na formação universitária, inclusive no campo das Humanidades, por exemplo, são cada vez mais disciplinares. No documentário francês *Foucault contre lui même*, um dos entrevistados comenta que hoje Michel Foucault provavelmente não seria aceito como professor no *Collège de France*, já que seus interesses de estudo e suas pesquisas eram transversais e não disciplinares. Mesmo no campo dos *Estudos Queer*, corremos o risco de se tornarem mais uma área acadêmica de especialistas, com seus jogos de poder que estabelecem quais são as vozes legítimas e quais são as vozes ilegítimas que irão falar sobre as minorias queer. É um dos perigos da institucionalização que mencionei em uma das questões anteriores. Acho que talvez precisemos revisitar mais o conceito de transversalidade tal como proposto pelo pensador francês Félix Guattari para pensarmos currículos e processos de ensino-aprendizagem que fujam das grades da disciplinaridade. Ele também foi um importante ativista político nos anos oitenta, além de parceiro intelectual de Gilles Deleuze em alguns de seus ensaios filosóficos. Para Guattari, a transversalidade é uma dimensão que supera os impasses da pura verticalidade ou de uma simples horizontalidade para realizar uma comunicação máxima que se efetua entre os diferentes níveis e os diferentes sentidos. É uma excelente provocação para pensarmos a educação. Mas temos que reconhecer que se a Teoria Queer ajudou muito no empoderamento das identidades não heteronormativas, no entanto, especificadamente no campo da educação, ainda há poucos estudos sobre seus efeitos nos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, ainda é um campo a ser melhor explorado. As pesquisas de Deborah Britzman talvez sejam alguns dos trabalhos que têm caminhado melhor nesta trajetória.



**AOG:** Finalmente, ¿qual é hoje a política que expressa o desenvolvimento da Queer Pedagogy?, ¿e em que sentido a pedagogia queer forja uma consciência crítica?

**ND:** Como mencionei anteriormente, não penso que seja possível educar uma consciência crítica a partir dos pressupostos da Pedagogia Queer. É a própria idéia de consciência crítica que está em xeque e a educadora ou o educador não são mais vistos como seres privilegiados esclarecidos que podem conduzir os/as estudantes na direção de uma consciência crítica. Como educadoras e educadores também estamos presos nas mesmas redes de disciplinarização, estamos presos às redes de discurso e poder. A boa notícia disto é que a resistência também pode ocorrer em qualquer lugar. Penso que é isso que está acontecendo com o empoderamento de vozes excluídas que agora utilizam a internet para resistirem e serem ouvidas. Neste sentido a política que expressaria melhor a Pedagogia Queer seria as micropolíticas, como aprendemos com os estudos de Michel Foucault.

**AOG:** Obrigado Doutor Nindis por esta linda conversa

**ND:** Obrigado por Aldo por suas perguntas interessantes

## Referências

Britzman, Deborah. (1995). Is there a queer pedagogy? Or stop reading straight. *Educational Theory*, 45 (2), 151-166.

Britzman, Deborah (1998). *Lost subjects, contested objects: towards a psychoanalytic inquiry of learning*. New York: State University of New York Press.

Bryson, Mary; Castell, Suzanne de. (1993). Queer Pedagogy: Praxis makes im/perfect. *Canadian Journal of Education*, 18 (3), 285-305.

Butler, Judith. (2004). *Undoing Gender*. New York and London: Routledge.

Dinis, Nilson (2013). Por uma pedagogia queer. *Itinerarius Reflectionis*, 2 (2), 1-12.

Foucault, Michel. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Guattari, Félix. (1981). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.

Louro, Guacira Lopes. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

Preciado, Paul Beatriz. (2002). *Manifiesto contra-sexual*. Madrid: Editorial Opera Prima

**Aldo Ocampo González:** Chileno. Director del Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva (CELEI). Académico del Programa de Magíster en Educación Inclusiva de la Univ. Santo Tomás, La Serena. Profesor de psicopedagogía en el Instituto Profesional Los Lagos, Rancagua. Doctor en Ciencias de la Educación aprobado sobresaliente por unanimidad, mención “Cum Laude” (UGR, España), con la tesis: “Epistemología de la Educación Inclusiva: un estudio sobre sus formas de construcción y fabricación del conocimiento”. Profesor de Educación Básica, Licenciado en Educación, Magíster en Educación, mención Currículo y Evaluación (UAC), Magíster en Educación, mención Política Educativa (ULARE), Máster en Lingüística Aplicada a la Enseñanza del Español como L2 (Univ. Jaén, España), Máster en Integración de Personas con Discapacidad (Univ. Salamanca, España), Post-titulado en Psicopedagogía e Inclusión, Postitulado en Pedagogía Universitaria con Orientación en Enseñanza para la Comprensión, Diplomado en Estudios de Género y Diplomado en Investigación Social del Cuerpo y las Emociones (U. Chile). Ha sido académico de importantes universidades chilenas, autor de numerosas publicaciones en el campo de la Educación Inclusiva. Permanentemente imparte conferencias en congresos internacionales gracias a sus escritos, así como, capacita universidades extranjeras y docentes e imparte seminarios en sus principales líneas de investigación a nivel nacional e internacional. Actualmente cursa el doctorado en Filosofía en la UGR, España, donde escribe su tesis doctoral sobre Historia Intelectual y Conceptual de la Educación Inclusiva. Contacto: aldo.ocampo.gonzalez@gmail.com – aldo.ocampo@gmail.com

**Artigo recebido para publicação em:** Janeiro de 2018.

**Artigo aprovado para publicação em:** Julho de 2018.